

Sustentabilidade, universidade e comunidade: práticas extensionistas no âmbito da moda

Sustainability, university and community: extension practices in fashion

Valdecir Babinski Júnior, mestrando em Design de Vestuário e Moda, UDESC.

vj.babinski@gmail.com

Lucas da Rosa, doutor em Design, UDESC.

darosa.lucas@gmail.com

Letícia Pavan Botelho, graduanda em moda, UDESC.

leticia.pavan.botelho@gmail.com

Emanueli Reinert Dalsasso, graduanda em moda, UDESC.

dalsassodesign@gmail.com

Resumo

Moda e sustentabilidade podem soar como forças antagônicas, especialmente, se não forem consideradas suas complexidades e convergências. Se observada a convergência no que tange a transformação da sociedade, pode-se perceber meios para o desenvolvimento sustentável, a partir do envolvimento de universidades e comunidades locais. Com base em um relato de experiência, no presente artigo, apresenta-se como a interação entre a universidade e a comunidade pode encontrar caminhos para a sustentabilidade no campo da moda. Em relação à classificação da pesquisa, pode-se compreendê-la como: aplicada, participativa, qualitativa, descritiva e de campo. Infere-se que os caminhos experimentados perpassam práticas extensionistas voltadas para a educação ambiental e para o aproveitamento de resíduos têxteis, como exemplifica o caso do Curso de Extensão Fuxico na Moda, realizado por meio de parceria entre o Programa de Extensão Moda e Economia Criativa, da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), e o grupo de artesãs e artesãos que compõe a Companhia do Fuxico, de Florianópolis (SC).

Palavras-chave: Sustentabilidade; Universidade; Comunidade.

Abstract

Fashion and sustainability may sound like antagonistic forces, especially if their complexities and convergences are not considered. If convergence is observed in what concerns the transformation

of society, one can perceive means for sustainable development from the involvement of universities and local communities. Based on an experience report, the present article presents how, starting from fashion, the relationship between university and community can find ways for sustainability. In relation to the classification of the research, it can be understood as: applied, participatory, qualitative, descriptive and field. It is inferred that the tried and tested paths go through extensional practices aimed at environmental education and the use of textile waste, as exemplified in the case of the Fashion Extension Course Fuxico na Moda, carried out through a partnership between the Fashion Extension and Creative Economy Program, of the State University of Santa Catarina (Udesc), and the group of artisans that compose Companhia do Fuxico, in Florianópolis (SC).

Keywords: Sustainability; University; Community.

1. Introdução

Diante de práticas projetuais, moda e sustentabilidade podem gerar relações antagônicas. Se a moda possui forte conexão com a indústria e o estímulo ao consumo, quando efêmero, fugaz e superficial; a sustentabilidade, por sua vez, enfatiza a necessidade de a sociedade agir de modo responsável ambientalmente. Contudo, é equivocado pensar moda e sustentabilidade sem considerar seus aspectos convergentes e complexos.

Factualmente, a indústria da moda – entendida, aqui, como o somatório dos setores têxtil e de confecção – é uma das responsáveis por um impacto expressivamente negativo no meio ambiente, caracterizando-se como uma das mais poluidoras do planeta, argumentam Schulte et al. (2014). Segundo o relatório, apresentado pela *Global Fashion Agenda* (Pautas Mundiais para a Moda, em tradução livre para o português, ou GFA), sobre os anos de 2017 e 2018, aproximadamente 73% das peças de vestuário produzidas no mundo inteiro acabaram tendo como destino aterros sanitários e lixões; menos de 15% das peças prontas descartadas foram destinadas à reciclagem; e apenas 1% de todo material empregado pela indústria da moda, na confecção de novas peças do vestuário, foi de fato, reciclado (O’CONNOR, 2018).

Entretanto, apesar do prejuízo provocado, pela indústria da moda, ao meio ambiente, que se estende desde o uso de agrotóxicos nos cultivos de matéria-prima até o descarte desenfreado de peças do vestuário, muitas iniciativas estão surgindo na busca de apoio para o desenvolvimento sustentável, por meio do contato com partes interessadas no processo de transformação da sociedade, observam Schulte et al. (2014) e Lima et al. (2017). Entre tais partes interessadas estão a universidade e a comunidade local, que assumem papéis centrais na difusão do consumo consciente e na educação ambiental, complementam Sampaio et al. (2018).

Assim, apoiado na moda e com o objetivo de responder como universidade e comunidade podem encontrar caminhos para a sustentabilidade, o presente artigo foi elaborado a partir de um relato de experiência e possui como base procedimentos metodológicos que o classificam enquanto qualitativo, no tangente à abordagem do problema escolhido; aplicado, quando de sua finalidade; descritivo, segundo seu objetivo; e de campo, quando do seu local de realização. O artigo também se caracteriza enquanto pesquisa participativa, uma vez que, se tomados os procedimentos técnicos como

perspectiva, os autores também estão inseridos na situação investigada. Ressalta-se ainda que o presente artigo é parte da pesquisa de dissertação de mestrado do autor principal.

Logo, este artigo adotou caráter bibliográfico e de estudo de caso, uma vez que os dados foram coletados de maneira informal, por meio de entrevistas não estruturadas, com duas artesãs e dois artesãos da Companhia do Fuxico, no dia 24 de novembro de 2018. A estratégia de coleta informal foi considerada a mais adequada, em razão de os entrevistados serem pessoas de hábitos simples e, portanto, de se acreditar que a formalidade acadêmica poderia interferir nos resultados. Em contraponto, na abordagem teórica, apresentam-se autores escolhidos de forma narrativa, não sistemática e por afinidade ao tema aqui proposto.

2. Sustentabilidade em pautas mundiais: um campo fértil para a moda

Em debate desde o ano de 1968, por meio dos primeiros ensaios e diálogos do Clube de Roma, a sustentabilidade tem sido foco de muitas discussões, ao longo dos últimos cinquenta anos. Em 1972, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, também conhecida como Conferência de Estocolmo, pela primeira vez na história, chefes de estado, sentaram-se à mesa para estabelecer os limites do crescimento da civilização. Idealizada e executada pela Organização das Nações Unidas (ONU), a oportunidade foi utilizada para a discussão sobre a busca pelo equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e a redução dos impactos advindos da degradação ambiental. Segundo Schulte et al. (2014, p. 89):

O conceito de sustentabilidade ambiental foi criado no início da década de [19]70, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, para sugerir que era possível conseguir um crescimento econômico e uma industrialização sem destruir o meio ambiente. O modelo proposto para o desenvolvimento sustentável foi uma tentativa para harmonizar o desenvolvimento humano com os limites da natureza [...].

Já no ano de 1978 surgiu o programa alemão *Der Blaue Engel* (Anjo Azul) cujo foco estava na criação do primeiro selo “verde”. Passados quase dez anos, em 1987, a sustentabilidade voltou a ser pauta no relatório *Nosso Futuro Comum*, também conhecido como Relatório Brundtland. Por meio do qual ficou estabelecido que o desenvolvimento sustentável deve satisfazer as necessidades atuais, sem que haja comprometimento da capacidade das futuras gerações de satisfazerem as suas próprias necessidades também. Schulte et al. (2014) alertam para um equívoco nessa interpretação sobre o desenvolvimento sustentável, uma vez que se prevê o benefício da satisfação apenas da espécie humana.

A definição de desenvolvimento sustentável como sendo a exploração equilibrada dos recursos naturais, buscando a satisfação das necessidades do bem-estar da presente geração, sem comprometer as gerações futuras, recebe críticas por expressar a preocupação com a preservação apenas com as futuras gerações de humanos, sem considerar as futuras gerações das demais espécies de animais e plantas que habitam o planeta Terra [...] (SCHULTE et al., 2014, p. 90).

Entre 3 a 14 de junho de 1992, o desenvolvimento sustentável voltou a ser o centro das atenções, nos debates da Conferência Rio-92, também conhecida como Eco-92, ou Cúpula da Terra, organizada pela ONU e realizada no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. No ano de 1997, o Instituto Ethos criou as primeiras diretrizes de sustentabilidade para o *Global*

Reporting Initiative (Relatório Global de Iniciativas, ou GRI) que consiste em um processo internacional, envolvendo diversas partes interessadas em desenvolver e divulgar diretrizes globais para relatórios de sustentabilidade.

Dois anos depois, em 1999, John Elkington, então cofundador da *SustainAbility*, uma organização internacional e não governamental, com foco em ajudar empresas e indústrias, no caminho para se transformarem em negócios sustentáveis, em suas comunidades locais, criou o conceito de *triple bottom line*, conhecido como o tripé da sustentabilidade na contemporaneidade. Segundo este conceito, a sustentabilidade pode ser instrumento de mensuração dos resultados de organizações, por meio de três perspectivas principais: social, ambiental e econômica.

Ainda no ano de 1999, a *International Organization for Standardization* (ISO - Organização Internacional de Normalização) criou a ISO 14024, com o objetivo de estabelecer diretrizes e bases para a emissão de rótulos ecológicos. Já na virada do século, no ano de 2000, a ONU voltou a discutir sustentabilidade por meio da iniciativa Pacto Global, que possuía foco no encorajamento e no amparo para empresas que buscavam a adoção de políticas de responsabilidade social e ambiental.

De 26 de agosto a 4 de setembro de 2002, a contribuição da sustentabilidade para com os problemas sociais de diversos países foi foco na Conferência de Joanesburgo, na África do Sul, ou Rio+10, que congregou líderes de mais de 190 países a convite da ONU. A conferência reuniu a Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável e teve como resultados dois importantes documentos que tratavam da sustentabilidade em nível global: a Declaração de Joanesburgo e o Plano de Implementação que estipulava metas para a execução dos compromissos assumidos pelos países presentes na conferência.

Dez anos depois, de 13 a 22 de junho de 2012, o Brasil voltou a sediar as discussões de líderes mundiais sobre a sustentabilidade, na cidade do Rio de Janeiro. Na Conferência Rio+20, chefes de estado e de governo trataram o tema mediante a renovação dos compromissos políticos para com o desenvolvimento sustentável em mais de 188 nações. Desde então, muitos são os pesquisadores que se dedicam a compreender a sustentabilidade pelos mais diversos ângulos, destacando-se as contribuições que a moda tem realizado no âmbito do comportamento do consumidor e da educação ambiental.

Lima et al. (2017) destacam que a moda é campo fértil para as discussões sobre sustentabilidade, uma vez que ela pode permitir às organizações a compreensão do comportamento pró-ambiental do consumidor atual. Ainda que, como frisam os autores, a própria indústria da moda necessite de uma transformação complexa e multidimensional perante o paradigma dos novos modos de consumir.

Cerca de uma década antes, Gonçalves-Dias e Moura (2007) confirmavam a moda enquanto solo propício às reflexões sobre sustentabilidade. Para as autoras, à época, já se fazia necessária a contribuição de áreas interdisciplinares, como a moda, na visão sobre o comportamento do consumidor, então relegada aos estudos advindos ora da economia, ora das diversas engenharias que se debruçavam sobre visões pouco correlatas ao tema.

Recentemente, também Celaschi (2017) aponta que os campos tradicionais do pensamento, em especial, aqueles baseados na visão sistemática, não mais são suficientes para responder à complexidade que a sustentabilidade assumiu nos últimos anos. Ao estudar o fenômeno *Internet of behaviors* (Internet de comportamentos), o autor sugere que outras áreas, diferentes das que caracterizam a já conhecida linearidade na compreensão do

consumo contemporâneo e nas quais habite o pensamento abduutivo e correlacional, possam contribuir com comportamento pró-ambiental, em curso na sociedade ocidental pós-moderna.

Nesse sentido, Dariella (2018) ressalta a ótica do consumidor em pauta na *Our Ocean Conference* (Conferência sobre Nossos Oceanos), ocorrida em Bali, Indonésia, nos dias 29 e 30 de outubro de 2018. Na conferência, reuniram-se empresas internacionais que impactam mundialmente os mercados da beleza e da moda, tal como L'Oréal, Johnson & Johnson e Burberry. Lideradas pela Fundação Ellen MacArthur, em parceria com o Departamento de Meio Ambiente da ONU, as empresas assinaram o acordo intitulado *The New Plastics Economy Global Commitment* (Novo Compromisso Global Econômico sobre Plásticos), no qual, comprometem-se a reduzir o desperdício de plástico, por meio de ações e iniciativas voltadas para suas respectivas cadeias de suprimentos e, conseqüentemente, para suas produções fabris.

Segundo Dariella (2018), as 290 empresas signatárias – que representam 20% das embalagens plásticas produzidas ao redor do globo – concordaram em reempregar 100% da matéria-prima plástica utilizada no desenvolvimento de produtos e artefatos, reutilizando-a, reciclando-a ou, quando não for mais possível seu reuso, compostando-a até 2025. Entre outros nomes importantes que assinaram o acordo estão: Stella McCartney, H&M, Unilever, Nestlé e Coca-cola Femsa.

Também em 2018, o GFA trouxe para o centro das discussões mais acaloradas sobre o comportamento do consumidor contemporâneo, o desejo de sustentabilidade que se têm desenhado no horizonte da moda internacional. O'Connor (2018), destaca que o evento, ocorrido durante o *Copenhagen Fashion Summit* (Cúpula da Moda de Copenhague), entre os dias 14 e 16 de maio de 2018, possibilitou a formação de um fórum de lideranças interessado em refletir as condições em que a moda é produzida, comercializada e consumida mundialmente.

Segundo O'Connor (2018), estiveram presentes no GFA as principais lideranças da indústria global e algumas das organizações não governamentais atuantes no cenário da moda internacional – a citar, Kering, H&M, Target, Bestseller, Li & Fung, Sustainable Apparel Coalition, entre outras – que, em conjunto, elaboraram o relatório *CEO Agenda 2018* (Pautas para Diretores Executivos em 2018). O relatório descreve as sete prioridades fundamentais aos líderes da moda diante do desafio da sustentabilidade no ano. A saber: (i) rastreabilidade na cadeia de valor; (ii) uso eficiente da água, da energia e de produtos químicos; (iii) ambiente de trabalho seguros e dignos; (iv) uso de materiais sustentáveis; (v) sistemas de moda circulares e fechados; (vi) promoção de melhores salários; e (vii) atenção à quarta revolução industrial.

Para O'Connor (2018), as três primeiras prioridades, elencadas anteriormente, já estão sendo implementadas por empresas e indústrias pioneiras no setor, sendo possível encontrar exemplos de significativo impacto corporativo e macroeconômico em diversas regiões do globo. Por outro lado, as quatro prioridades restantes, ainda que também essenciais e necessárias para a construção de um desenvolvimento (mais) sustentável, possuem caráter transformacional, uma vez que buscam provocar mudanças culturais de longo prazo.

Outra das muitas iniciativas e ações ocorridas durante o GFA recebeu destaque por sua contribuição às discussões sobre moda e sustentabilidade: a apresentação do relatório *Pulse of The Fashion Industry* (Pulso da Indústria da Moda, ou PTFI) produzido em colaboração

com o grupo de consultoria empresarial multinacional Boston Consulting Group (BCG). O relatório, previsto para ter edições anuais, expõe a gigantesca oportunidade de criação de valor para a indústria da moda no mundo a partir das questões ambientais, sociais e éticas (GLOBAL FASHION AGENDA, 2018).

Com uma pontuação (*score*) que vai de 0 até 100, o relatório PTFI quantificou o desempenho que as indústrias do setor obtiveram entre 2017 e 2018, no âmbito da sustentabilidade. Os resultados denotam um crescimento tímido: de 32 pontos em 2017, para 38 pontos em 2018. O resultado mais encorajador, entretanto, é oriundo dos relatos de entrevistas realizadas pela BCG, com executivos do setor ao redor do mundo: 52% afirmaram terem tomado decisões estratégicas pautadas por princípios ambientais e sociais – isto implica em um aumento de 18 pontos em relação ao ano anterior, 2017 (*idem*, *ibidem*).

Entre outros resultados, ora promissores, ora tímidos, o relatório PTFI frisa a importância e a necessidade de empresas, indústrias e organizações buscarem por soluções alternativas e coletivas, assumindo a sustentabilidade como esforço comum para todos na empreitada do setor em direção a mudanças prósperas, sustentáveis e duradouras (*idem*, *ibidem*).

A visão de que a sustentabilidade é tarefa de todos, organizações e comunidades é corroborada por Sampaio et al. (2018, p. 156), ao afirmarem que,

É importante compreender que todas as organizações e comunidades podem realizar contribuição para a mitigação ou eliminação do impacto ambiental decorrente do consumo. Trata-se de um processo de longo prazo de aprendizado coletivo da sociedade, exigindo constância de propósito e pensamento estratégico, pois as barreiras e desafios ocorrem na mesma proporção da dimensão dos impactos ambientais na atualidade.

Nesse sentido, o relatório PTFI destaca a liderança empresarial e a colaboração social como valores chaves, para que se assegure a existência e a permanência de um ecossistema de apoio e de suporte à inovação transformacional e aos modelos de negócios disruptivos. Ao final do relatório, ressalta-se a inevitabilidade de *stakeholders* (partes interessadas) se envolverem nesse processo de mudança, sendo eles considerados como: consumidores, fornecedores, investidores, reguladores, governos (por meio de impostos) e organizações não governamentais (ONGs), comunidades locais e universidades (GLOBAL FASHION AGENDA, 2018).

A influência das comunidades locais e das universidades, também é citada por Martins (2017), como um fator fundamental a ser considerado no caminho para a construção do desenvolvimento sustentável. Para a autora, a sustentabilidade exige um novo olhar atento por parte de designers, *stakeholders* e da sociedade como um todo, mas, em especial, por parte daqueles que influenciam o sucesso ou o fracasso de ações de conscientização para o consumo sustentável e de educação ambiental, ambas tarefas presentes na relação comunidade e universidade.

Logo, a moda é campo fértil para pensar a sustentabilidade, em suas diferentes faces, negociando-a por meio do comportamento do consumidor e da educação ambiental. Entre os atores que podem influenciar a prosperidade desta relação estão a comunidade local e a universidade que serão apresentadas a seguir, sob o exemplo prático da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e da Companhia do Fuxico, de Florianópolis (SC).

2.1 A tríade universidade-comunidade-sustentabilidade

Reconhecer a comunidade local como agente de transformação para uma sociedade sustentável e que procure provocar o menor dano possível ao meio ambiente, pode representar uma tarefa árdua e complexa, mas importante para o meio acadêmico desejoso de mudanças. Para Sampaio et al. (2018), é preciso colocar a comunidade no centro das discussões acadêmicas, para se pensar o consumo sustentável como prática potencialmente transformadora. Os autores sugerem que,

O desenvolvimento [sustentável] deve ser pensado como um processo de mudanças complexas e transformações econômicas, políticas, sociais e ambientais. Essas mudanças de comportamento podem ser promovidas por meio de iniciativas que visem melhorar a economia local, que insiram a comunidade nos processos e que pensem uma nova forma de bem-estar que não seja baseada no consumo, e sim em modos de vida promissores e sustentáveis (SAMPAIO et al., 2018, p. 171).

Mcdonough e Braungart (2013, p.129) também afirmam que o foco do desenvolvimento sustentável deve estar vinculado à melhoria dos negócios locais, particularmente, no que tange ao emprego de matérias-primas. Para os autores, “a ideia da sustentabilidade local não se limita aos materiais, mas começa por eles. O uso de materiais locais abre as portas para empreendimentos locais rentáveis [...]”.

Tendo em vista o desenvolvimento de negócios locais e a busca pela valorização das comunidades próximas ao entorno de universidades e, estabelecendo-se ambas, universidade e comunidade, como *stakeholders* para práticas de sustentabilidade, pode-se vislumbrar determinada tríade de atores, conforme ilustra a Figura 1.

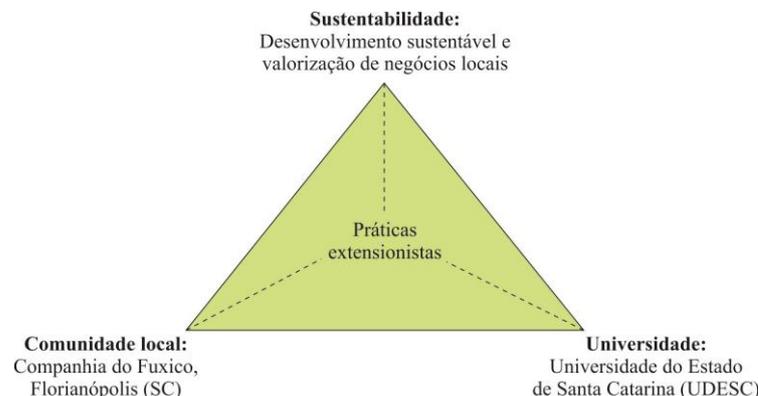


Figura 1: Tríade universidade-comunidade-sustentabilidade. Fonte: elaborado pelos autores.

A tríade universidade-comunidade-sustentabilidade, conforme é apresentada na figura 1, possui como centro de convergência de interesses as práticas extensionistas, que são comuns ao relacionamento entre o meio acadêmico e sua comunidade de entorno, neste artigo, exemplificados, respectivamente, pela Udesc e pelo grupo de artesãs e artesãos que compõem a Companhia do Fuxico, de Florianópolis (SC).

Ambas as perspectivas dos *stakeholders* supracitados, universidade e comunidade, são aprofundadas nos tópicos a seguir. Posteriormente, apresenta-se como prática extensionista

o Curso de Extensão Fuxico na Moda, proveniente da convergência de interesses entre a Udesc e a Cia do Fuxico.

2.1.1 Udesc: universidade e sustentabilidade

A preocupação da Udesc com as práticas sustentáveis é denotada por meio de projetos, programas, atividades e ações, como as ocorridas durante a Segunda Semana Lixo Zero, promovida pela instituição em outubro de 2018. Na programação que contemplou as diversas cidades onde a universidade possui centros de ensino, mais de quarenta atividades reuniram docentes, técnicos, estudantes e o público em geral para debater e refletir sobre a responsabilidade socioambiental. Oficinas, rodas de conversa, exibição de filmes, entre outras atividades, evocaram pautas como: (i) o aproveitamento máximo dos resíduos sólidos; (ii) o envio de resíduos para aterros sanitários e/ou para a incineração; (iii) a atuação da Rede de Cooperação Acadêmica Lixo Zero, que é encabeçada pela própria universidade; (iv) o plástico nos oceanos; (v) a logística reversa; (vi) a compostagem ecológica; (vii) a redução de desperdícios de alimentos; entre outras (SANTA CATARINA, 2018d).

As atividades da Segunda Semana Lixo Zero também contemplaram os interesses do programa Udesc Sustentável, que se encontra alinhado ao plano de gestão previsto para o período 2016-2020 da instituição. Atualmente, o plano é liderado pelo reitor e pelo vice-reitor da universidade, respectivamente, os professores Dr. Marcus Tomasi e Me. Leandro Zvirtes. Por meio dele, busca-se a aplicação e a difusão de preceitos da sustentabilidade que possam firmar atividades internas, acadêmicas e administrativas, no caminho de um relacionamento saudável e sustentável entre universidade e comunidade (SANTA CATARINA, 2018e).

Quanto aos cursos da universidade, em relação à indústria da moda, pode-se evidenciar os esforços advindos do Departamento de Moda (DMO) que ao longo de seus mais de vinte anos tem despontado na formação de estudantes e professores com senso crítico, estético, ético e reflexivo, para com as questões socioambientais. Marcadamente, desde 2005, no DMO, aborda-se a sustentabilidade por meio do Programa de Extensão Ecomoda, coordenado pela professora Dr.^a Neide Köhler Schulte. A partir de 2014, criou-se o Laboratório de Tecnologia do Vestuário e Economia Criativa (LabTVEC), coordenado pela professora Dr.^a Icléia Silveira e subcoordenado pelo professor Dr. Lucas da Rosa, vinculando ações de extensão no âmbito da sustentabilidade (SANTA CATARINA, 2018a).

O Programa de Extensão Ecomoda atua na difusão dos preceitos da sustentabilidade pelo viés ambiental e por meio da conscientização quanto à produção e ao consumo de produtos de moda. São objetivos do programa: (i) a promoção de projetos, eventos, cursos e atividades com foco na sustentabilidade; (ii) o incentivo para a interação entre os estudantes da Udesc e as comunidades do entorno da instituição; e (iii) a contribuição para discussões acadêmicas e sociais sobre as práticas socioambientais em ações na grande Florianópolis e em algumas cidades do Estado de Santa Catarina (SANTA CATARINA, 2018b).

Ao longo da jornada do programa Ecomoda, Schulte et al. (2014) destacam a formação do Instituto Trama Ética que surgiu a partir de uma parceria estabelecida entre a universidade e a comunidade local. Os autores afirmam que,

Com a parceria estabelecida entre o programa Ecomoda e voluntários da comunidade, um grupo de profissionais de diversas áreas (psicólogos, estilistas, administradores, professores, entre outros), que atua junto a essa parceria, se associou para formar o Instituto Trama Ética. Os integrantes do grupo têm em comum o objetivo de contribuir com os seus conhecimentos em projetos sociais baseados em princípios socioambientais (SCHULTE et al., 2014, p. 96).

Já o LabTVEC possui como foco a aproximação entre o ensino, a pesquisa e a extensão universitárias. Com o objetivo de investigar novas formas do vestuário e experienciar técnicas de modelagem, o laboratório conta com uma estrutura física composta por: (i) manequins de modelagem tridimensional; (ii) computadores com *softwares* para o desenvolvimento de modelagens bidimensionais; (iii) *hardwares* para impressão de diagramas de modelagem; (iv) mesas digitalizadoras; e (v) mesas apropriadas para o traçado manual da modelagem plana bidimensional (SANTA CATARINA, 2018a).

Vale ressaltar que o Programa de Extensão Moda e Economia Criativa, coordenado pelo professor Dr. Lucas da Rosa, está vinculado ao LabTVEC e, no ano de 2018, a sua equipe ministrou o curso Fuxico na Moda, para os membros da Companhia do Fuxico, apresentada a seguir.

2.1.2 Companhia do Fuxico

A Companhia do Fuxico foi criada em agosto de 2013, por meio do Fórum de Cultura realizado no Palácio Cruz e Sousa, sede do Museu Histórico de Santa Catarina, na ocasião da comemoração da Semana do Folclore de Florianópolis. Desde a época de seu surgimento até hoje, a companhia é encabeçada e coordenada pela figura de Valdeonira Silva dos Anjos – professora, historiadora, fundadora e membra do Movimento Mulheres Negras em Florianópolis, desde 1988; e cofundadora desde 2004, juntamente com seu marido, Altamiro José dos Anjos (*in memoriam*), conhecido como Seu Dascuia, da Escola de Samba Dascuia. A Companhia do Fuxico, ou Cia do Fuxico, como é conhecida localmente, reúne um grupo de artesãs e artesãos interessados em propagar a técnica secular de fazer fuxico (FLORIANÓPOLIS, 2018).

Segundo entrevistas informais e não estruturadas realizadas com a própria presidente da Cia do Fuxico e com os membros do grupo, a arte de fazer fuxico é advinda de uma técnica artesanal que tem origem nas senzalas brasileiras. Contam os entrevistados que: à época, mulheres negras escravas tinham por hábito recolher panos velhos e sobras de tecido das sinhás e, ao cosê-los, cochichar sobre a rotina da casa grande a qual estavam ligadas. Hoje, a técnica artesanal é empregada na confecção de produtos de decoração e de peças do vestuário, por homens e mulheres, predominantemente mais idosas, que encontram no fuxico uma forma de prover aumento na renda mensal de suas respectivas famílias, além de contribuir para a manutenção da arte de fuxicar.

Conforme relatam os entrevistados, os fuxicos são recortados de peças ou retalhos de peças que, de outra forma, teriam como destino final aterros sanitários ou lixões. Além dessa forma de captação de material, a Cia do Fuxico também trabalha recebendo doações de tecidos planos e malhas de empresas do setor têxtil e de confecção. Segundo os quatro

entrevistados, os tecidos mais empregados no seu artesanato de fuxico são: chita, chitão, tricoline e cetim.

2.1.3 O Curso de Extensão Fuxico na Moda

O Curso de Extensão Fuxico na Moda é vinculado ao Programa de Extensão Moda e Economia Criativa, coordenado pelo professor Dr. Lucas da Rosa, docente efetivo do DMO, que ministra aulas no Bacharelado em Moda e no Programa de Pós-Graduação em Design de Vestuário e Moda (PPGModa), ambos da Udesc. O Programa de Extensão está atrelado ao DMO, à Direção de Extensão do Centro de Artes (Ceart) e à Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Comunidade (Proex) da instituição. Além do apoio institucional da Udesc, o programa possui parceria com a Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes (FCFFC).

Inicialmente, o curso não fora escrito de forma explícita na configuração do programa, uma vez que a sua submissão à instituição foi realizada em 2017. Na ocasião de seu surgimento, havia um curso previsto com carga horária de 30 horas/ano intitulado Moda, Artesanato e Economia Criativa. Resumidamente, o curso contemplava o planejamento coletivo de estratégias para ações criativas e mercadológicas, sendo prevista sua oferta para o primeiro e o segundo semestres dos anos de 2018 e 2019.

Contudo, diante de barreiras e oportunidades práticas, o curso previsto precisou ser adaptado e recebeu o título de Fuxico na Moda, tendo sua carga horária acrescida para 40 horas/ano. Na ocasião da reestruturação do curso, ocorrida em 4 de abril de 2018, foi importante a figura de Roseli Maria da Silva Pereira, superintendente da FCFFC. Na oportunidade, também foram discutidas outras ações, como o projeto Renda-se à Moda: Cultura, Arte e Artesanato, em parceria com as universidades Estácio de Sá e Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), ambas instituições de ensino superior privadas, além da própria Udesc.

O plano de ensino elaborado para o curso Fuxico na Moda foi dividido em dois módulos: o primeiro envolveu o total de cinco encontros e teve como dinâmica as abordagens expositivas sobre cores, formas, silhuetas, fios e tecidos. Após o recesso escolar de julho de 2018, o curso adentrou em seu segundo módulo, para o qual ocorreram seis encontros e no qual foram contemplados conteúdos voltados à pesquisa de tendências e ao desenvolvimento de produto de moda, com foco em práticas sustentáveis.

O conteúdo das aulas foi preparado pelos estudantes bolsistas do programa de extensão, a destacar os nomes de Emanuelli Reinert Dalsasso, Letícia Pavan Botelho e Isabela Bronaut; pelo discente voluntário, Valdecir Babinski Júnior; e, também, pelo próprio coordenador, que supervisionou e participou de todos os encontros entre os acadêmicos e a Cia do Fuxico. O curso foi realizado em grande parte na Udesc, especificamente no Atelier de Confeção do Ceart e no LabTVEC, no bairro Itacorubi, em Florianópolis (SC). Ressalta-se que também ocorreram encontros na sede da Escola de Samba Dascuia, na comunidade do Morro do Céu, no centro de Florianópolis.

No decorrer do curso de extensão, professor, estudantes, fuxiqueiras e fuxiqueiros compartilharam trajetórias de vida e conhecimentos sobre práticas socioambientais. Contribuições sobre como a moda e a sustentabilidade podem caminhar juntas no percurso para uma sociedade mais consciente e equilibrada, perfizeram grande parte dos encontros.

Ao final, os trabalhos realizados pelo grupo de artesãs e artesãos, que tiveram como tema central “Infância negra: relações de afeto” foram expostos durante a Semana da Consciência Negra, realizada nas dependências do Ceart, de 20 a 29 de novembro de 2018 (SANTA CATARINA, 2018c).

3. Considerações finais

Ainda que figurem como forças aparentemente antagônicas, moda e sustentabilidade compartilham caminhos comuns, perante o desejo de transformar a sociedade contemporânea. Para ambas, os incursos e decursos do desenvolvimento sustentável formam convites, para a reflexão sobre seus papéis como mediadoras da construção do consumo consciente e da educação ambiental.

Nesse sentido, figuram *stakeholders* interessados na responsabilidade socioambiental que a indústria da moda deve ter para com o meio ambiente e o planeta, já que é causadora de grande parte da poluição que o envenena, desde a manipulação química para a produção de matéria-prima, até o estímulo ao consumo fugaz e ao descarte desenfreado. Dentre tais *stakeholders*, destacam-se universidades e comunidades locais.

Assim, universidades e comunidades podem encontrar caminhos para discutir a sustentabilidade, por meio de práticas extensionistas, tais como, no exemplo da Udesc, ocorreram no Curso de Extensão Fuxico na Moda, realizado em parceria com a Companhia do Fuxico; no Programa de Extensão Moda e Economia Criativa; e no também Programa de Extensão Ecomoda.

Referências

CELASCHI, Flaviano. *Advanced design-driven approaches for an Industry 4.0 framework: The human-centred dimension of the digital industrial revolution*. **Strategic Design Research Journal**, [S.L.], v. 10, n. 2, p.97-104, 11 abr. 2017. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. <http://dx.doi.org/10.4013/sdrj.2017.102.02>.

DARIELLA, Novello. **Marcas de moda e beleza prometem combater poluição plástica com novo compromisso global**. 2018. Publicado por *Fashion Network*. Disponível em: <https://pt.fashionnetwork.com/news/Marcas-de-moda-e-beleza-prometem-combater-poluicao-plastica-com-novo-compromisso-global,1029841.html#.W9oEepNKhPZ>. Acesso em: 30 out. 2018.

FLORIANÓPOLIS. Prefeitura de Florianópolis. Coordenadoria Municipal da Mulher. **Roda de conversa com as fuxiqueiras**. 2018. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/noticias/index.php?pagina=notpagina-i=19934>. Acesso em: 23 nov. 2018.

GLOBAL FASHION AGENDA (Dinamarca: Copenhagen). **Taking the pulse of The Fashion Industry**. Disponível em: <https://www.globalfashionagenda.com/initiatives/pulse/#>. Acesso em: 17 nov. 2018.

GONÇALVES-DIAS, Sylmara Lopes Francelino; MOURA, Carla. **Consumo sustentável:** muito além do consumo "verde". In: 31º Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2007. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/APS-C2378.pdf>. Acesso em: 03 out. 2018.

LIMA, Bruna Lummertz et al. Proposta de diretrizes no modelo de processo de desenvolvimento de produto (PDP) para a moda ética. In: BERNARDES, Maurício Moreira e Silva; LINDEN, Julio Carlos de Souza van Der (Org.). **Design em Pesquisa**. Porto Alegre: Marcavvisual, 2017. p. 241-259.

MARTINS, Cláudia Regina. **Sustentabilidade:** emergências e novas abordagens em processos produtivos no design de moda. In: 13º Colóquio de Moda, 10ª Edição Internacional, 12º Fórum das Escolas de Moda, 4º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design de Moda. São Paulo: Bauru, 2017. **Anais eletrônicos...** Disponível em: http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202017/GT/gt_06/gt_6_SUSTENTABILIDADE_EMERGENCIAS.pdf. Acesso em: 14 jan. 2018.

MCDONOUGH, William; BRAUNGART, Michael. **Cradle to cradle:** criar e reciclar ilimitadamente. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013. Tradução de: Frederico Bonaldo.

O'CONNOR, Tamison. **As 7 principais prioridades de sustentabilidade para os líderes da moda**. 2018. Texto traduzido e adaptado do original "*Fashion's 7 Priorities To Achieve Sustainability*" escrito por Tamison O'Connor do portal *Business of Fashion*. Disponível em: <http://slowdownfashion.com.br/2018/04/12/agenda-sustentavel-de-2018-para-os-ceos-da-industria-da-moda/>. Acesso em: 06 maio 2018.

SAMPAIO, Cláudio P. de et al. **Design para a sustentabilidade:** dimensão ambiental. Curitiba: Editora Insight, 2018.

SANTA CATARINA. UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Departamento de Moda:** apresentação. 2018a. Disponível em: <https://www.udesc.br/ceart/moda/estrutura>. Acesso em: 06 nov. 2018.

_____. ECOMODA UDESC. **Ecomoda Udesc:** sobre nós. 2018b. Disponível em: <http://www.ecomodaudesc.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 06 nov. 2018.

_____. UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Semana da Consciência Negra**. 2018c. Disponível em: <https://www.udesc.br/ceart/ceartaberto/novembro>. Acesso em: 29 nov. 2018.

_____. UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Mais de 40 atividades integram programação da 2ª Semana Lixo Zero Udesc até dia 26**. 2018d. Elaborado por: Assessoria de Comunicação da Udesc. Disponível em: https://www.udesc.br/noticia/mais_de_40_atividades_integram_programacao_da_2__semana_lixo_zero_udesc_ate_dia_26. Acesso em: 06 nov. 2018.

_____. UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Udesc Sustentável:** uma universidade para o futuro. 2018e. Disponível em: <https://www.udesc.br/sustentavel>. Acesso em: 06 nov. 2018.

SCHULTE, Neide Köhler et al. Logística reversa, reutilização e trabalho social na moda. **Modapalavra E-periódico**, Florianópolis, Ano 7, n. 13, p. 85-100, jan.-jun.

2014. Disponível em:
<http://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/5119/3317>. Acesso
em: 23 nov. 2018.